

OFICINA DE BRINQUEDOS E BRINCADEIRAS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: ANÁLISE DA TENDÊNCIA ANTISOCIAL

Leys Eduardo dos Santos Soares ¹
Pierre Normando Gomes-da-Silva ²

INTRODUÇÃO

Muitos autores apontam que é possível constatar em diversos estabelecimentos escolares uma cultura de violências que ocorrem nas relações entre os alunos e também dos alunos com seus professores (ABRAMOVAY, 2002; FRELLER, 2001; VASCONCELLOS, 2009). Ações de indisciplina, agressões físicas e verbais fazem parte do cotidiano de professores das mais variadas disciplinas, inclusive na educação física.

Conforme explica Lopes e Gomes (2012), os diversos tipos de agressões que ocorrem no ambiente escolar podem afetar o desempenho de todo o alunado. Os autores apontam para a necessidade de compreender que o aprender se torna mais difícil quando se é preciso conviver em um ambiente de constantes agressões.

Explica Winnicott (1999), que muitas dessas agressões podem ser derivadas de uma possível “Tendência Antissocial” desenvolvida pelas crianças. A Tendência Antissocial é um conceito psicanalítico que diz respeito a um padrão comportamental adquirido, podendo apresentar-se com constantes agressões as pessoas e ao ambiente. Segundo Winnicott (2000), as crianças com condutas antissociais experimentaram possíveis falhas ambientais, de modo que buscam na sociedade aquilo que não encontraram em casa: um ambiente estável e confiável.

As crianças com tendência antissocial necessitam de uma estabilidade ambiental para que possam adquirir confiança e brincar saudavelmente. Assim, “o tratamento da tendência antissocial não é a psicanálise, mas sim um manejo, uma forma de ir ao encontro do momento de esperança e de corresponder a ele” (WINNICOTT, 2000, p.409). Winnicott (1983), aponta para a necessidade do manejo dessas crianças inserindo-as em um “ambiente suficientemente bom”, trata-se de um espaço de sustentação em que as crianças possam adquirir confiança e brincar com espontaneidade.

Nesse sentido deve-se proporcionar aos educandos um espaço potencial, isto é, um ambiente de possibilidades educativas, reconhecendo as necessidades das crianças e a importância das aprendizagens oferecidas nas situações. Nessa perspectiva, compreendemos que “o lugar em que a experiência cultural se localiza está no espaço potencial existente entre o indivíduo e o meio ambiente [...]. O mesmo se pode dizer do brincar. A experiência criativa começa com o viver criativo, manifestado primeiramente na brincadeira” (WINNICOTT, 1975, p.159).

Winnicott entende o brincar como uma experiência criativa, uma atitude de vida. Segundo o autor é no brincar que a criança pode integrar seus impulsos agressivos, experimentando o ambiente, realizando descobertas e aprendendo a conviver socialmente. Winnicott (1982, p.267), afirma que,

¹ Doutorando em Educação Física no Programa Associado de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade de Pernambuco-PE/Universidade Federal da Paraíba-PB, leyseduardo@hotmail.com;

² Professor orientador: Doutor, Universidade Federal da Paraíba-PB, pierrenormandogomesdasilva@gmail.com;

Na criança individual em evolução de amadurecimento, surge outra alternativa à destruição muito importante. É a construção [...] É um dos mais importantes sintomas de saúde, numa criança, quando surge e se mantém a atividade lúdica construtiva. Trata-se de algo que não pode ser implantado, como implantada não pode ser, por exemplo, a confiança. Aparece, com o decorrer do tempo, como resultado da totalidade das experiências concretas da criança no ambiente fornecido pelos pais ou pelos que atuam como pais.

A partir da Pedagogia da Corporeidade - PC (GOMES-DA-SILVA, 2016), uma abordagem semiótica da Educação Física que compreende o jogo como pivô do processo de ensino-aprendizagem, elencamos a Oficina de Brinquedos e Brincadeiras – OBBA (GOMES-DA-SILVA, 2013), um programa didático da PC que tem como objetivo a construção de brinquedos e brincadeiras a partir de materiais reutilizáveis. Na OBBA, o jogo é desenvolvido como um pivô na formação de brincantes, ou seja, pessoas com atitudes mais criativas seja na escola ou fora dela.

A OBBA é um espaço de desenvolvimento de atitudes criativas, visto que neste programa não há nada pronto, os brinquedos e as brincadeiras devem ser construídas ao longo da aula. Nesse sentido, a oficina é um espaço de compartilhamento de materiais e aprendizagens, em que os alunos têm a oportunidade de dialogar sobre suas construções e experimentações. A OBBA, não é um lugar para expor brinquedos prontos, mas sim deve ser um espaço “para brincar, para criar brinquedos e brincadeiras. Um lugar que brincando aprendam a explorar, criar, resolver problemas e compartilhar aprendizagens. Isso criaria na comunidade uma fraternidade, um desenvolvimento de potencialidades artísticas, motoras e lógicas” (GOMES-DA-SILVA, 2013, p.72).

Nessa perspectiva, esta pesquisa tem como objetivo analisar os impactos da oficina de brinquedos e brincadeiras no comportamento de crianças com condutas antissociais. O programa OBBA foi desenvolvido em uma escola da rede pública objetivando auxiliar o professor de educação física no desenvolvimento de suas aulas em uma turma com histórico de comportamentos antissociais. Esta pesquisa se justifica pela necessidade do desenvolvimento de metodologias para professores e educadores no geral com o objetivo de diminuir os comportamentos antissociais no ambiente escolar.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa do tipo pesquisa-ação. De acordo com Betti e Franco (2014, p.506), a pesquisa-ação “pretende, juntamente com os protagonistas da prática, conhecer a realidade e ao mesmo tempo transformá-la”. A pesquisa foi realizada em uma escola pública situada em um bairro da periferia de João Pessoa-PB, reconhecido na cidade como um dos bairros com maior histórico de violências. Esta pesquisa foi autorizada pelo Comitê de Ética em Pesquisa do CCS/UFPB (protocolo nº 064/16). O trabalho na escola foi desenvolvido de acordo com as seguintes etapas:

1) “Identificação dos problemas” – Nessa etapa visitamos a escola buscando conhecer a realidade escolar, reconhecendo os principais problemas comportamentais do alunado e quais ações os professores já haviam realizado na tentativa de diminuir a frequência de agressões físicas e verbais.

2) “Apresentação do projeto” – Após reconhecimento dos principais problemas comportamentais dos alunos, apresentamos nossa proposta de intervenção a todo o corpo docente da escola, com a finalidade que os professores indicassem a turma com maior histórico de agressões, xingamentos e violências no ambiente escolar, o que pode indicar possíveis sinais de alunos com tendência antissocial.

3) “Observação de aulas” – Após sugestão dos professores observamos aulas de uma turma do 5º ano do ensino fundamental, considerada a turma com maior histórico de violências. Foram 10 dias letivos de observações, totalizando 40 horas/aulas. Observamos a turma durante as aulas da professora de classe e durante as aulas de educação física. As crianças foram observadas a partir de um roteiro de observação de condutas antissociais, instrumento elaborado pelos pesquisadores. A partir deste roteiro foi possível constatar 5 crianças que apresentavam com maior frequência condutas antissociais.

4) “Apresentação da OBBA” - Em 4 aulas apresentamos para toda a turma os brinquedos a serem desenvolvidos na oficina. A partir da obra de Gomes-da-Silva (2013), foram apresentados e experimentados 8 brinquedos distribuídos em 4 blocos de aulas, organizados da seguinte maneira: Bloco 1 – Peteca e Mini-Frescobol; Bloco 2 – Bola de meia e Pula-Bola; Bloco 3– Jogo de tampinhas e Campinho de futebol; Bloco 4 – Acerte o alvo e Boliche. Os brinquedos foram assim agrupados de acordo com suas semelhanças nos modos de brincar. Após apresentação e contato inicial com todos brinquedos, as crianças puderam escolher três blocos de aulas que elas mais gostaram, sendo a partir desta escolha que a oficina foi realizada.

5) “Realização da OBBA” – A partir da escolha da turma, a oficina foi realizada com os blocos de aulas 1, 2 e 3. A OBBA foi desenvolvida com toda a turma em 18 encontros, 6 encontros para cada bloco de aulas, cada encontro com duração de 1 hora e 30 minutos, durante os horários da aula de educação física, totalizando 27 horas/aulas de intervenção. As aulas foram desenvolvidas de acordo com a estrutura da Aula Laboratório da Pedagogia da Corporeidade – ALPC (GOMES-DA-SILVA, 2016), que organiza a aula de Educação Física em três momentos:

a) “Sentir”: Trata-se do primeiro momento da aula no qual o professor proporciona um espaço de sensibilização por intermédio de saudações, músicas, cantigas de roda. Explica Gomes-da-Silva (2015, p.133), que “não é por obrigação ou imposição que se inicia a aula, mas por sedução à descoberta”. O primeiro momento da aula é um momento de suscitar emoções, despertar a curiosidade, por intermédio de um ambiente de encantamento.

b) “Reagir”: O segundo momento da aula é caracterizado por um espaço de conflito cognitivo, “há nesse momento da aula uma consciência de dualidade entre duas coisas: o já sabido e o ignorado. O desconhecido é o que age como uma força, exigindo reação, requerendo outro arranjo de ação” (GOMES-DA-SILVA, 2015, p.133). Nesse momento da aula o professor organiza situações de movimento capazes de gerar esforços, fazendo com que os educandos adquiram um novo esquema de ação para solucionar os problemas encontrados.

Após apresentação dos materiais a serem utilizados na construção do brinquedo tema da aula, a turma era organizada em grupos de construção, cada grupo com no máximo 4 crianças. Os grupos tinham como objetivo se ajudarem para construir os brinquedos solicitados pelo professor. Após o momento de construção, os alunos desenvolviam variações de brincadeiras com os brinquedos construídos.

c) “Refletir”: No último momento da aula o professor proporciona um espaço de simbolização e incorporação das aprendizagens vivenciadas. É um espaço “reservado para representar, para expressar essa força-pensamento que está vinculada ao passado, ao rever as ações de confronto vivido, e intencionando a ação futura, ao antever-se em outras situações” (GOMES-DA-SILVA, p.135). Trata-se de um momento de encarnar o vivido, transpondo o conhecimento para outras possíveis situações, reconhecendo assim possibilidades e elaborações.

As crianças foram avaliadas a partir de um Protocolo de Avaliação da Tendência Antissocial (PATA), instrumento elaborado pelos pesquisadores. Neste protocolo é possível

pontuar ações do comportamento antissocial caracterizado a partir de Agressões Físicas (socar e empurrar) e Agressões Verbais (xingar e apelidar). O protocolo permite registrar o número de ocorrências para cada ação antissocial elencada. O PATA foi aplicado duas vezes, o PATA-I antes da realização da oficina, e o PATA-II durante a realização da oficina.

DESENVOLVIMENTO

Compreendemos que a aula de educação física pode modular diferentes corporeidades, isto é, determinados modos de ser/estar no mundo. De acordo com Gomes-da-Silva et al. (2014, p.100), “a corporeidade é a tendência dos gestos criada pela experiência do corpo ao dirigir-se à circuvizinhança. Essa trajetória descrita pelos gestos no espaço, entre o eu e o mundo, expressam certa maneira de ser no mundo”.

Nessa perspectiva, acreditamos que ao oferecermos um espaço que favorece a construção coletiva, compartilhamento e diálogos entre as crianças, esperamos que ocorra uma mudança no modo como as crianças se comportam durante a aula, ou seja, agridam menos e passem a ter um comportamento mais social. Por isso, pela PC, apostamos no jogo como principal modulador de corporeidades, visto que é durante o jogo que as crianças tem a oportunidade de se perceber no ambiente e adotar uma nova posição quanto as suas atitudes, não enxergando mais as pessoas como objetos passíveis de agressões, e sim vê-las como pessoas importantes no ambiente e que precisam serem respeitadas. Assim, “a convivência, enquanto saber, que nos permite construir uma familiaridade com o outro, exige o exercício da capacidade de agir como sujeitos de ações morais, que, necessariamente, nos obriga a respeitar a dignidade do outro” (CAMINHA, 2007, p.166).

Quando a criança se comporta de modo antissocial, agredindo as pessoas, todo ambiente é prejudicado, a escola deixa de ser um espaço de convivência e construção de conhecimento, e tornar-se um espaço de desrespeito contínuo. Aponta Vasconcellos (2009, p. 97), que o aprender a conviver tem relação direta com a criação de vínculos, significa dizer que o processo de ensino-aprendizagem necessita levar os alunos a reconhecer o valor das pessoas, seja professores ou alunos, é necessário criar vínculos afetivos capazes favorecer o conviver pacífico.

Para Gomes-da-Silva (2016), os professores necessitam fazer com que suas aulas sejam “Zonas de Corporeidade”. Esta zona “ocorre na situação de movimento por exigir do praticante a semiotização espacial, ou seja, a interpretação sensível do entorno” (GOMES-DA-SILVA, 2014, p.23). A zona de corporeidade é um ambiente de possibilidades comunicativas favorecidas pelo professor. No caso das crianças com condutas antissociais trata-se de oportunizar momentos de diálogo, compartilhamento de materiais e aprendizagens, construções coletivas, o objetivo é favorecer o convívio durante o jogo. Nessa perspectiva ressalta Gomes-da-Silva (2014, p.27) que “é preferível que o professor invista na ambientação de suas aulas, organizando suas situações de movimento, para que haja semiotização e consequente subjetivação da aprendizagem desejada”.

As crianças com condutas antissociais necessitam de uma estabilidade do ambiente e nas aulas de educação física isso pode ser realizado favorecendo possibilidades comunicativas entre o alunado, proporcionando momentos de interações, seja na construção de brinquedos, seja nas relações estabelecidas nas brincadeiras. Por isso, explica Freller (2001, p.192), que “Winnicott alerta a importância de compreender que os atos antissociais são expressão de uma necessidade profunda, sendo preciso que se capte o sentido comunicado por estes gestos”. Nessa perspectiva a OBBA oferece muitas possibilidades de interação entre os alunos, o que

se apresenta como importante para auxiliar os professores no desenvolvimento de atitudes mais sociais dos alunos durante as aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao comparar os registros das ações antissociais antes da oficina (PATA-I) e durante a realização da oficina (PATA-II), foi possível observar uma diminuição das agressões físicas durante as aulas da OBBA, ações como socar e empurrar foram registradas antes da intervenção 11 e 14 vezes respectivamente. Já durante a oficina, o socar não foi mais observado, enquanto o empurrar foi registrado 2 vezes.

Foi observado que durante os momentos de construção havia um compartilhamento de materiais e aprendizagens entre os alunos. Era possível perceber muitos alunos emprestando materiais, pedindo auxílio para fazer os recortes de papelão ou amassar os papéis em bolas, diálogos sobre as melhores maneiras de construir o brinquedo. Notamos que o momento de construção se transformou em um espaço de convivência que auxiliou na diminuição das agressões físicas entre os alunos.

Nos momentos de realização das brincadeiras, a diminuição das agressões físicas teve relação com os modos de participação dos alunos ao utilizar os brinquedos construídos. Os jogos desenvolvidos durante a oficina requeriam a presença de outros participantes, de maneira que para brincar era necessário respeitar e valorizar a presença das demais crianças. Assim, foi possível observar, por exemplo, no jogo de mini-frescobol, que os alunos dosavam a força na batida da bola para que o companheiro conseguisse rebater e assim houvesse cadência de jogo. Por isso corroboramos com Freller (2001, p. 221), que nos fala que “a violência eclode quando o ambiente não é bom o bastante para propiciar ao indivíduo integrar sua agressividade e utilizá-la como energia ligada ao brincar, ao trabalho e a experiência cultural”.

Para a categoria agressão verbal, foram observadas as ações de xingar e apelidar. Os xingamentos e os apelidos eram os problemas mais evidentes entre os alunos. Antes da intervenção, o xingar foi registrado 20 vezes, já o apelidar 26 vezes. Durante a realização da OBBA os xingamentos não foram mais observados, já o apelidar foi registrado apenas 3 vezes.

Foi observado que era comum entre os alunos os xingamentos, isto é, já fazia parte do modo como se tratavam no ambiente escolar. É importante ressaltar que agredir verbalmente uma pessoa tem a mesma gravidade que uma agressão física, porém, lembra Abramovay e Rua (2002, p. 236) que os “xingamentos, desaforos ou agressões verbais, em geral, são pensadas mais como precursores de ocorrências graves do que como práticas violentas em si”. Compreendemos que as agressões verbais são responsáveis por causar um ambiente de desrespeito generalizado que é prejudicial para o ambiente escolar enquanto espaço de formação de cidadãos.

Durante as aulas foi possível notar que as agressões verbais atrapalhavam o andamento das atividades. Por exemplo, durante a realização das brincadeiras, quando alguém errava algum passe era xingado ou apelidado, então a criança que se sentia ofendida parava a atividade para trocar insultos. Percebemos que no decorrer das aulas houve uma diminuição dessas ocorrências, pois como comentamos anteriormente, durante as construções e realização das brincadeiras com os brinquedos construídos, as crianças passaram agir de modo diferente, respeitando os colegas e tendo atitudes mais colaborativas, oferecendo auxílios e compartilhando suas aprendizagens.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O somatório total das ações antissociais observadas antes da intervenção contabilizou 71 registros (PATA-I), já durante a realização da oficina foram contabilizados no total 5 registros (PATA-II), ou seja, houve uma diminuição expressiva do número de registros de ações antissociais durante a OBBA. Essa diminuição das ocorrências está relacionada com os momentos de construção de brinquedos e brincadeiras na OBBA, contribuindo para um ambiente de maior colaboração e respeito entre os educandos, como foi observado por exemplo, durante as construções em que as crianças vivenciavam momentos de compartilhamento de materiais e aprendizagens.

O professor de educação física ao desenvolver seu trabalho com a OBBA favoreceu a diminuição das ações antissociais, fazendo com que a turma que anteriormente era considerada a mais violenta da escola, passasse a assumir um novo modo de se comportar durante as aulas, tendo atitudes mais sociais e de convivência saudável.

Palavras-chave: Jogo, Educação Física, Psicanálise, Tendência Antissocial, Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. (Org.). **Escola e violência**. Brasília: UNESCO, 2002.
- BETTI, M.; FRANCO, M. A. S. Pesquisa-ação. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (orgs.). **Dicionário crítico de educação física**. 3 ed. Ijuí, Ed. Unijuí, 2014.
- CAMINHA, I. O. Desejo e lei: a escola como espaço de convivência. In: GOMES-DA-SILVA, P. N.; CAMINHA, I. O. (Orgs.). **Aprender a conviver: um enigma para a educação**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2007.
- FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GOMES-DA-SILVA, P. N. **Educação física pela pedagogia da corporeidade: um convite ao brincar**. Curitiba, PR: CRV, 2016.
- _____. Pedagogia da corporeidade e seu epicentro didático: estruturação da aula-laboratório. **Rev. Bras. Educ. Física Escolar**, v.1, n.1, agosto, p.136-176, 2015.
- _____. et. al. Descrevendo a Corporeidade: implicações educativas a partir da ginga do brasileiro no futebol e na dança. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 24, n.46, p. 97-119, Mai-Ago, 2014.
- _____. (org.). **Oficina de brinquedos e brincadeiras**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- LOPES, R. B.; GOMES, C. A. Paz na sala de aula é uma condição para o sucesso escolar: que revela a literatura? **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 75, p. 261-282, abr./jun. 2012.
- VASCONCELLOS, C. S. **Indisciplina e disciplina escolar: fundamentos para o trabalho docente**. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2009.
- WINNICOTT, D. W. **Da Pediatria à Psicanálise: obras escolhidas**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- _____. **Tudo começa em casa**. 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- _____. **O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional**. Porto Alegre: Artmed, 1983.
- _____. **A criança e o seu mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1982.
- _____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.